

## O rato da cidade e o rato do campo viajam pela Europa

Maria Margarida Morgado

Instituto Politécnico de Castelo Branco, Portugal

### Introdução

As fábulas de Esopo são pertença de um património cultural mundial, que se adapta à ética e estética de quem os recolhe e (re)conta. Nesse sentido, podem considerar-se instrumentos do projecto imperialista de uma cultura global ditada pelo lugar privilegiado que o ocidente ocupa na memória da história<sup>1</sup> e um exemplo (ou ameaça) de uma cada vez maior interdependência cultural que terminará em hegemonia de uma cultura sobre outras. Contudo, o facto de existirem diversas versões contemporâneas da fábula em solo europeu, diferentes entre si, conduz-nos à reconsideração de um projecto hegemónico de dominação, pois não existe uma única narrativa que domina todas as outras, e qualquer das versões adopta posições críticas relativamente a um texto, que poderia ser considerado 'original', e à sua moral. Como teremos oportunidade de descobrir, embora o espaço europeu seja cada vez mais intensamente descrito como comum e unitário, uma herança literária comum (como é a das fábulas de Esopo) alberga interações de um texto 'original' com um mosaico de culturas e línguas diferentes que não só re-interpretam as fábulas para crianças de diversas idades, como a adaptam ao tempo e a espaços específicos.

As muitas versões de uma fábula são, aliás, um precioso indicador das muitas pressões de adaptação, oferecendo exemplos de uma diversidade cultural riquíssima no espaço europeu. Assim se passa com a história de *O Rato da Cidade e o Rato do Campo*, que aqui se analisa em livros ilustrados para crianças nas línguas inglesa, francesa, italiana e portuguesa. Ao leitor espanhol fica o convite para encontrar a versão espanhola da narrativa sobre o rato da cidade e o rato do campo, em livro ilustrado para crianças, e de a comparar com as versões que aqui se apresentam.

Para os leitores familiarizados com a obra de Jack Zipes ou de Marina Warner sobre contos de fadas, não constitui propriamente novidade a afirmação de que cada geração rescreve uma história para nela colocar atitudes e valores que se alteraram e para adaptar a narrativa ao tempo em que ela é publicada. Segundo a investigação conduzida no campo dos contos de fadas, as alterações de atitudes e valores que acabam entretecidas com os enredos e personagens de uma determinada história sublinham muitas vezes os papéis sociais das mulheres, hierarquias de classe que deixaram de fazer sentido, alterações nos papéis sociais de homens e mulheres, nas formas e relações de poder, no intuito de tornar mais compreensível a narrativa para a cultura que a recebe ou mesmo de actuar como motor de transformação dela. As muitas versões de aparentemente uma mesma narrativa devem ser encaradas como produtos de relações multiculturais e de trocas de relações interculturais, processos de transferência cultural de uma cultura para outra. Modificam-se narrativas porque cada novo contador ou autor selecciona o que considera pertinente para o seu público infantil ou adulto.

O tempo não é, contudo, a única dimensão de mudança; a geografia constitui outro poderoso agente de transformação sobre os modos de narrar uma história. Quem, entre aqueles que investigam as origens dos contos de fadas, não se admira com as espantosas coincidências de narrativas chinesas e indianas que falam de uma princesa de pé pequenininho? No presente artigo são as variações espaciais de um conto tradicional em espaço europeu que nos interessam e particularmente de uma perspectiva pedagógica. Uma perspectiva histórica privilegiaria acrescentos ou supressões culturais em relação a um texto e procuraria ligá-los aos contextos da sua produção. O meu argumento visa analisar as diferentes versões do conto tradicional de Esopo, *O Rato da Cidade e o Rato do Campo*, no espaço europeu, e sublinhar, relacionando-os, os valores que cada escritor e/ou cultura prefere transmitir às crianças em livros ilustrados.

A minha perspectiva de análise assenta, por conseguinte, em variações no espaço, bem como na produção e recepção contemporâneas. Algumas das questões

---

<sup>1</sup> Vide John Tomlinson (1999) *Globalised Culture: The triumph of the West?. Culture and Global Change*. Ed. Tracey Skelton and Tim Allen. London: New York. 22-29, p. 3.

que abordo são claramente de foro ideológico e concernem a valorização relativa das noções de cidade e de campo nas versões portuguesa, britânica, francesa e italiana da pequena fábula; outras, centram-se na indagação de como as crianças de hoje são convidadas a ‘ler’ a narrativa e a interiorizar a sua lógica e moral, os seus valores e as suas relações de poder; outras, ainda, salientam as experiências de vida e de representação que cada cultura considera suas e que condicionam modos de olhar sobre as realidades de cada contexto sócio-cultural.

### **Da Fábula de Esopo aos livros ilustrados para crianças**

Tomando como ponto de partida a fábula de Esopo, seríamos levados a falar de um processo de ‘hibridização’, uma vez que a sua re-produção sob a forma de livro ilustrado para crianças e sob versões variadas realça o facto de ‘o texto original’ (se alguma vez existiu) interagir e se misturar com as identidades culturais de diversos espaços europeus e tempos de rescrita.

Mas, por um lado, a existência de muitas versões de um mesmo texto clássico prova que não será desejável falar de um original ou de um espaço social e cultural a partir do qual se fundam todas as outras identidades culturais de textos que são versões do original. Basta sabermos que Esopo escreve em meados do século VI a.C. e que as suas narrativas eram orais antes de passarem à forma escrita. Encontramos, portanto, mais do que perante um original, face a um texto em rizoma, uma rede de valores e qualidades culturais em interacção.

Por outro lado, as versões plurais de um mesmo texto permitem-nos idealizar espaços culturais e sociais (nações, talvez, ou apenas espaços que partilham uma língua) como produtores de versões particulares do texto. Tomando para exemplo os quatro livros ilustrados da história de *O Rato do Campo e o Rato da Cidade*, logo se conclui que não estamos perante um fenómeno de globalização no espaço europeu, mas em face de uma narrativa com um enredo comum tecido com os valores e as crenças ideológicas de determinados contextos espaço-temporais e dos seus autores e ilustradores.

Não há dúvida que a breve narrativa de como um rato do campo convida um rato da cidade para o visitar, e vice-versa, faz parte da indústria do livro ilustrado para crianças na contemporaneidade, já que não tive dificuldade em encontrar publicações recentes da narrativa nas quatro línguas referidas, em versão de livro ilustrado para as crianças, editado entre 1998 e 2001 e à venda em livrarias. A versão portuguesa é a de Alice Vieira (autora e de Henrique Cayatte (ilustrador), *Rato do Campo e Rato da Cidade* (Lisboa: Caminho, 1992), integrado numa colecção intitulada ‘Histórias Tradicionais Portuguesas’; a versão em inglês é a de Helen Craig, *The Town Mouse and the Country Mouse* (London: Walker Books, 1992). A versão francesa escolhida é *Le Rat de Ville et le Rat des Champs* (Paris: Nathan, 2000), sem referência a autor e ilustrações de Isabelle Chatellard. O livro italiano, ilustrado por Maria Mantovani e Renzo Barsotti, *Il Topo di Campagna e Il Topo di Città* (Milano: Edizioni San Paolo, s/ data) também não refere autor. A fábula é, aliás, considerada uma ‘narrativa tradicional portuguesa’, ‘a mais bem amada fábula de Esopo’, “um velho favorito” (na versão inglesa), “um conto tradicional” (na versão francesa) e uma das “mais belas histórias”, na versão italiana.

Para além do seu valor comercial, a história de *O Rato do Campo e o Rato da Cidade* – ou vice-versa, segundo os títulos de dois dos livros, constitui uma espécie de currículo internacional formal e informal para crianças dos 5 aos 7 anos na Europa. Pode-se considerar um “clássico” no sentido em que sobrevive ao tempo em que foi inicialmente produzido, apesar de só subsistir sob a forma de versões recontadas por alguém (nem sempre um autor reconhecido enquanto tal) e, por vezes, também, sob forma de livro ilustrado. Como fábula que continua a pretender ser, a narrativa contém uma moral e visa divertir e instruir as crianças, desde tenra idade, numa determinada organização espacial, estética e ética, segundo a dicotomia campo – cidade, sendo essa organização espacial também um modo de sugerir às mentes infantis relações de poder e de hegemonia entre modos de vida e valores associados com cada um dos termos dicotómicos.

Ora, o que cada narrativa pretende de facto ensinar em cada contexto linguístico é mais difícil de determinar. As versões sem ilustrações da fábula em duas das suas versões encontrados, ao acaso, na internet<sup>2</sup> coincidem na moral que defendem: que é melhor viver onde a comida escasseia, mas em paz (isto é, no campo) do que ter muita comida, mas não ter segurança e viver com medo (na cidade). Ambas as versões começam no campo e terminam com o rato do campo de volta à segurança rural. A tradução inglesa termina, por exemplo, assim, nas palavras do rato do campo:

Apesar de teres preparado tão grandiosa festa, tenho que te deixar entregue a ela sozinho. Estou rodeado por demasiados perigos para o meu gosto. Prefiro as searas parcas e as raízes dos arbustos onde posso viver seguro e sem medo.

Os livros ilustrados que seleccionámos são menos incisivos que esta versão na formulação da moral, mas a sua moral também é clara: a versão em inglês sublinha que os dois ratos são felizes nos seus mundos e que os seus são dois estilos diferentes de vida. Em francês, a narrativa não passa juízo sobre o regresso do rato do campo a casa e menciona apenas que ele ali viveu feliz o resto da sua vida. A narrativa italiana contrasta o luxo da vida na cidade com a falta de abundância da vida do campo, onde existe, porém, liberdade e felicidade. A história portuguesa confronta-nos com o ditado final que “viajar é bom, mas o melhor é regressar a casa”.

As histórias inglesa, francesa e italiana seguem um enredo básico com pequenas variações (ver quadro), mas a versão portuguesa apresenta-se mais subversiva, pois coloca como o problema inicial o seguinte: o rato do campo sentia inveja do seu primo que vivia na cidade (tinha muito que comer ao longo do ano, um telhado seguro sobre a cabeça no Inverno e frescura no Verão) e o mesmo acontecia ao rato da cidade, que invejava ao primo o ar puro, os horizontes largos e nenhum gato a correr atrás dele. E por isso decidem trocar de lugar para experimentar vidas diferentes.

### **A dicotomia campo - cidade**

Em minha opinião, estes livros ilustrados produzem uma visão eurocêntrica do campo e da cidade e para além de se radicarem na oposição dicotómica entre campo e cidade, oferecem também uma versão simplificada de ambos. Passo a explicar.

O campo e a cidade simbolizam estilos diferentes de vida e modos de organização do mundo também eles diversos, embora sempre idealizados, apesar de o grau de idealização ser variável de versão para versão. As histórias em inglês, francês e português mostram o campo como uma linda seara dourada, uma paisagem bela, um pretexto para o prazer estético dos sentidos, a beleza dos espaços abertos, a possibilidade de dar passeios, enquanto que a versão italiana equilibra a beleza, a liberdade, a hospitalidade e o convívio do campo com a sujidade. Em português, Alice Vieira não esquece igualmente uma referência ao facto de o rato da cidade fazer amigos com facilidade no campo, mas salienta também que o rato da cidade quase morria de pneumonia devido às correntes de ar do pequeno buraco junto à seara. Salientem-se o valor do convívio, ausente dos textos em inglês e francês, e uma ideia do campo que não repousa apenas em paisagens belas e liberdade, pois nele o desconforto físico é uma realidade.

No geral, no entanto, o campo é considerado um ambiente mais positivo do que a cidade. O problema desta valorização do campo reside nas configurações de ‘campo’ e de ‘cidade’ preferencialmente articuladas pelos quatro textos. O campo é ‘natural’, rural, equilibrado, harmonioso; nele não existe mecanização agrícola (apenas um regador e de um sacho na versão italiana), nem vestígios de intervenção agrícola humana. As casas do campo podem ser desconfortáveis e pobres, quando contrastadas com as das cidades, mas o exterior é magnífico. Este não é um campo selvagem, violento ou brutal, mas a natureza humanizada, agradável aos sentidos dos

<sup>2</sup> Escolhi duas, ao acaso, uma em inglês e outra em alemão: Aesop’s Fables by Aesop, translated by George Tyler Townsend at <http://classics.mit.edu/Aesop/fab.html>, on 11-2-2002 and ‘Die Stadt- und die Landmaus at <http://gutenberg.aol.de/aesop/2mauese.htm>, on 11-2-2002.

climas temperados europeus na Primavera e no Verão – e levemente domesticada na versão italiana. Abra-se uma excepção para a versão portuguesa que configura o campo como o lugar onde o rato da cidade não consegue encontrar comida e morre de frio.

Apesar de o campo ser idílico (à excepção do português), o rato da cidade inglês aborrece-se porque sente a falta de variedade, de luz à noite e da bela comida da cidade, sente a falta de actividade e de movimento em seu redor. O campo é demasiado calmo, silencioso e escuro, isto é, claustrofóbico.

A cidade, por seu turno, representa a insegurança, a poluição, as multidões, mas também as noites cheias de luz, ou então, os cenários opulentos e simultaneamente opressivos de grandes casas. O maior contraste entre o campo e a cidade nas quatro versões é, contudo, o facto de haver pouca variedade de comida no campo: o rato da cidade inglês acha a comida ‘demasiado simples’, para o francês, a comida é ‘demasiado fraca’; o italiano come por delicadeza, sem gosto; e o rato português emagrece, por não conseguir encontrar comida e porque sente saudade da sua casa.

Em consequência desta forma de opor a cidade ao campo, é com gradações diferentes de entusiasmo que os ratos do campo partem para a cidade a convite dos ratos desta: o italiano e francês, contentes pelo convite, o português porque tem inveja da vida do primo, mas o inglês, apreensivo e com medo porque nunca antes tinha abandonado a sua seara.

A atmosfera simples, calma, relaxada do campo cede lugar aos símbolos da cidade: fumos, lixo, sarjetas, ruído, confusão, movimento, mas também às belas e grandiosas casas (um palácio italiano; a mansão de um comerciante francês; uma casa senhorial junto a um cinema, no caso do rato inglês, e uma Casa Grande para o português). Só na versão inglesa é que são trabalhadas algumas das significações contemporâneas projectadas para a vida urbana, nomeadamente a diversidade, urbanidade, excitação, a tecnologia dos carros, cinema, luzes, a par da vida em multidão, do domínio das máquinas (o carro, o cinema) e das formas de sociabilidade baseadas no auto-distanciamento.<sup>3</sup>

A parca dieta de sementes e bagas dá lugar a alimentos ricos em açúcar, corantes e conservantes, ao álcool, à variedade de sabores e texturas, embora na versão portuguesa, o rato tenha tanto receio do gato que nem consegue chegar à despensa e quase é apanhado pela ratoeira ao querer apanhar o único pedaço de queijo que vê. Para ele não há gratificação do sentido gustativo. Os outros ratos do campo alternam os prazeres da boca – rica e variada comida, disponível – com as ameaças do gato, da cozinheira e da ratoeira. Mas os ratos do campo perdem a sua tranquilidade porque não sabem enfrentar os perigos com que deparam a cada esquina e decidem regressar a casa.

Para além destas diferenças de conteúdo, o estilo narrativo de cada livro é também diverso: envolve muita intensidade dramática na narrativa em francês, prefere o diálogo coloquial na versão inglesa; alguns textos (o francês e o português) são mais directos nas suas conclusões, enquanto que o inglês é descritivo, pormenorizado e lento no ritmo. As próprias ilustrações são muito diferentes, caracterizadas, na versão portuguesa, por traços breves e simples e por uma caracterização mínima das suas personagens – óculos vermelhos, pasta de executivo e chapéu de chuva com pega vermelha para o rato da cidade -, enquanto que os outros textos reproduzem por completo o estereótipo do chapéu alto e/ou calça riscada, laço e casaca para o rato da cidade, por oposição ao boné, camisa aos quadrados e colete do rato do campo.

A análise detalhada das representações pictóricas de campo e cidade também são reveladoras dos contextos de experiência representados, sendo fácil contrastar nos livros inglês e italiano, que oferecem mais pormenores realistas na representação, o norte do sul da Europa. Os arbustos, as flores, as aves, a erva, as colinas, as árvores revestidas de folhas e a abundante vegetação verde que representam o campo inglês cedem lugar a uma natureza diferente, mediterrânica, no livro italiano: uma pequena

---

<sup>3</sup> Para uma breve resenha sobre os sentidos da vida em cidade nas sociedades contemporâneas, vide Richard Sennett (1999) *The New Political Economy and Its Culture*. *Spaces of Culture. City – Nation – World*. Ed. Mike Featherstone and Scott Lash. London: Sage, 14-26.

quinta com galinhas, implementos agrícolas, uma árvore despida de folhas e contida por uma cerca, uma pequena aldeia com castelo à distância. Um pequeno rio e bolotas caídas no chão completam o cenário onde também se vêem flores. O pequeno apartamento na árvore da versão inglesa apresenta cave, sala de estar e quarto de dormir, de decoração florida e folhada, armário com pratos pintados e cama confortável, distante em conceito, do habitáculo modesto, rústico e funcional da versão italiana.

### **A vertente pedagógica**

De um ponto de vista pedagógico, - que é aquele que mais nos interessa -, é sobretudo importante compreender e procurar integrar no nosso conhecimento e no das crianças leitoras as diferenças presentes nas muitas versões existentes da fábula, explorando seus valores sociais e culturais enquanto indicadores dos valores considerados apropriados para crianças por uma determinada cultura. O ponto de partida pedagógico consiste na aceitação da diversidade em resultado da interação de leitores com textos (e contextos), e em considerá-la valiosa para o desenvolvimento de estratégias de educação intercultural e de educação para a cidadania.

A diversidade dos textos dita, por si só, reacções diversas de leitores, professores e investigadores, e pode, quando analisada como fenómeno cultural, contribuir para a compreensão de como se instalam determinadas construções culturais a propósito da narrativa, que, de outro modo, poderiam ser tomadas como universais ou imutáveis. Mas existe um dado importantíssimo que convém não perder de vista: as versões europeias de *O Rato do Campo e o Rato da Cidade* salvaguardam uma identidade europeia comum, ao mesmo tempo que o que há de comum se envolve, a cada (re)conto particular da história, numa língua específica, e no seio de uma nação/cultura, com a diversidade cultural, ao nível da representação do campo e da cidade, dos valores que se associam a cada um deles, e ao nível, também, das ênfases e supressões que cada cultura exerce sobre a narrativa dos dois ratos.

De um ponto de vista educacional, os textos em conjunto, e qualquer deles em particular, são interessantes porque promovem a aceitação da diversidade, no exemplo da disponibilidade de ambos os ratos para experimentar o modo de vida do outro e para viver como o outro, ainda que por pouco tempo. Contudo, a lição sobre tolerância e aceitação do outro nem sempre é encarada com a seriedade que seria desejável em algumas das narrativas. E as conclusões finais de cada texto ajudam-nos a melhor compreender porque é que a lição de tolerância nem sempre é cabalmente concretizada.

O texto inglês termina numa nota paralela sobre os dois ratos, tal como o português; escreve assim Helen Craig:

Naquela noite, Tyler pôs o chapéu alto e vestiu a casaca e atravessou a cidade para se divertir no teatro. E estava muito feliz.

Sob a mesma noite, Charlie, recostava-se na sua colina. Tinha observado o sol a pôr-se a agora contava estrelas. Também estava muito feliz!

Na versão portuguesa, Alice Vieira escreve:

E tanto e tão forte suspiraram nesse dia, que se ouviram um ao outro.

Sorriram e murmuraram ambos:

- Viajar é bom, mas o melhor de tudo é chegar a casa.

E nessa noite dormiram sem pesadelos.

Num caso e no outro, as diferenças experimentadas por cada um dos ratos foram integradas e aceites enquanto experiências que podem ser partilhadas, embora não apropriadas. A paz de espírito de cada um dos ratos radica em saber qual o seu lugar na sociedade, tanto para o rato da cidade como para o do campo; se para o primeiro é sair e divertir-se, para o segundo pode ser sair e olhar o céu.

Nas outras duas versões e apesar da disponibilidade dos ratos para viverem a vida do outro, elas incorporam também uma reacção negativa aos valores dos outros, subsistindo uma hierarquia: a paz de espírito e a tranquilidade são mais importantes que a riqueza e um nível de vida mais elevado, porque estes envolvem medo, risco e pesadelos que mais vale não ter. Ou seja, viver no campo é melhor que viver na cidade. Mas será que se pode continuar a defender, hoje, para crianças, que a vida do campo é realmente mais livre e feliz do que a da cidade e será que o ponto de vista do rato do campo, cuja focalização é predominante em três das versões (exceptuando a portuguesa) deve continuar a prevalecer num tempo em que a maioria das crianças europeias vive em cidades? Será que vale a pena continuar a contrastar uma ideia do campo sem poluição e lugar da liberdade com uma ideia de cidade desordenada e agressiva para a vida humana, perpetuando o mito de uma ruralidade idílica?

Para além desta oposição dicotómica que considero problemática, os textos abrem, de facto, perspectivas interessantes, sobre a educação intercultural, pois as crianças, ao observarem as ilustrações, aprendem, se quiserem, que, afinal, o ponto de partida das fábulas são dois ratos semelhantes, primos, ou, como na versão italiana, desconhecidos que se encontram. A sua semelhança e identidade tem mínimas variações de chapéus, calças e outras trivialidades, sobre as quais repousa a construção da diferença – diferenças de classe social, de estilo de vida e de cultura linguística, que não impedem, contudo, que qualquer deles atravesse as fronteiras para o espaço do outro. Ambos reconhecem que existem diferenças importantes, apesar da sua similitude básica, podendo, assim, aprender uma lição sobre a aceitação da diferença: que é preciso perder o medo (como no caso do rato do campo inglês) e aprender sobre o desconhecido, pois só assim se consegue escolher acertadamente o que é mais apropriado para si próprio.

E assim viveram os dois ratos em paz para todo o sempre, semelhantes na sua humanidade-de-ratos, mas diferentes na cultura.

